

OS ESTEREÓTIPOS DA METÁFORA ANIMAL: COMER GATO POR LEBRE

0. Introdução: «no tempo em que os animais fal[av]am»

Saber uma língua é ter consciência dos seus estereótipos presentes em cada um dos seus segmentos, trate-se de simples palavras e suas derivações figurativas, de locuções ou expressões idiomáticas, de processos discursivos, estratégias de nomeação, denominação ou textualização. Entendo estereótipo como o conjunto dos sentidos — melhor diríamos, “portais” para sentidos — que uma palavra, expressão ou construção de uma dada língua admite na sua multiplicidade de usos no interior de uma dada comunidade linguística. Parece ser claro que tanto uma palavra como uma expressão mais ampla permitem que um falante seleccione de entre os seus traços (ou predicados) constitutivos um, especificamente apto, para exprimir e linearizar um determinado conteúdo num dado contexto. Não estou a afirmar que as expressões linguísticas apenas contenham significado denotacional, que apenas sejam “referente”, coisa designada ou que não haja distinção entre dicionário e enciclopédia, entre palavras e coisas, entre expressões e mundo extralinguístico. Somente defendo que uma palavra ou expressão apresenta um amplo leque de predicados ou traços, uns mais típicos (ou prototípicos) do que outros, mas todos eles disponíveis no magma conceptualizado e lexicalizado na língua.

Partimos do princípio de que há campos conceptuais muito produtivos na produção de unidades fraseológicas, em que se pressupõem mecanismos icónicos geradores de expressões e, naturalmente, de expressões idiomáticas. Nesses modelos icónicos há domínios fonte que desaguam em domínios meta: os primeiros servem para motivação metafórica¹. São numerosos os modelos, os mais sistematizados

¹ Apoio-me na teoria cognitivo-experencialista de Lakoff / Johnson 1987 e Wierzbicka 1986.

têm como ponto de partida o corpo humano, desde o material bem “concreto” do corpo até ao seu interior. Os exemplos encontram-se constantemente na língua do dia-a-dia quotidiano e no dia-a-dia da escrita literária:

«Rezas agora por mim? “Anjo da guarda, minha companhia, guarda o meu ser de noite e de dia.” Pode ser? Mesmo que saibas que eu torceria de bom grado o pescoço ao gordo do teu Deus, se isso pudesse trazer-te à vida. Pode ser? *Quem com ferros mata com ferros morre*. Quem não se sente não é filho de boa gente. Pode ser? Entendes-me, assim, na língua da selva da *vox populi* de que tanto gostavas?» (Pedrosa 2002: 41)²

Mas os limites dos modelos vão muito para além de tratar o modelo icónico HUMANO. Pretendo aqui e agora analisar o modelo icónico ANIMAL (ou a metáfora animal). Neste modelo, os mecanismos mais usuais são a comparação em que intervém uma propriedade considerada prototípica ou uma referência directa ao animal. No mecanismo COMPARAÇÃO, a referência a uma propriedade prototípica serve de domínio origem projectando-se no domínio meta. Os animais mais próximos e estimados ou temidos pelo homem — cães, gatos, galinhas, serpentes, lobos, feras — servem de trampolim para categorizar, conceptualizar e lexicalizar situações concretas, que depois metafórica ou metonimicamente se tornam configuradoras de situações gerais. Se tomarmos apenas o conteúdo ‘ficar fora de si’, ‘zangar-se’, há expressões zoomórficas, em simples palavras, como:

- encabritar-se, engalinhlar-se,

ou expressões mais longas:

- ficar pior do que uma fera
- diventare una fiera (it.)
- andar in bestia (it.)
- ponerse como una fiera (esp.)
- ponerse hecho una fiera /esp.)
- ficar como uma barata
- etc.

² O recurso aos textos tradicionais como fonte matricial de modelização conceptual e categorial da experiência quotidiana é constante, quer como insinuação ou alusão, quer como citação: «Procuras os dias antes de mim. Esqueces-me. As pessoas diziam que falávamos da mesma maneira, como um casal velho. Eu fizera-me mais bruta, caserna. Tu descambavas para o género lírico e usavas provérbios para tudo, os meus provérbios populares que ao princípio te irritavam. Olhava para ti e sabia exactamente a cor e a forma do teu pensamento. Ou assim o julgava, o que era a mesma coisa.» (Pedrosa 2002: 76)

E a referência aos animais, neste domínio, pode ser indirecta:
perder as estribeiras
ir aos arames

É evidente que os modelos culturais têm muito de subjectivo: crenças, religião, superstições, tradições, etc., representam um modelo partilhado, mas com menos sistematicidade do que aquele que mergulha na biologia, na observação do próprio corpo.

Estou a servir-me dos animais apenas como fonte da categorização, conceptualização e lexicalização de conteúdos. Os animais como referente são ponto de partida para categorizações: isto é, uma propriedade real (ou imaginária) do referente dá origem a expressões que passaram a fazer parte da língua. Quase nunca (ou mesmo nunca) os animais são considerados na língua como bens em si e por si: a sua conceptualização e categorização obedecem a critérios exclusivamente baseados na satisfação das necessidades do homem, na conceptualização dos seus medos ou na antropomorfização das suas crenças. Se passarmos distraidamente os olhos pela língua, damo-nos conta da presença constante dos animais como um dos pontos de partida preferenciais para a metaforização, percorrendo os mais variados domínios da psicologia humana (individual ou colectivamente considerada), seja em expressões mais ou menos longas em que a metáfora está patente, como em:

fome de cão, teimoso como um burro, manhoso como uma raposa, simples como as pombas, manso como um cordeiro, prudente como as serpentes, burro que nem uma porta, bater-se como um leão, olhos de lince, (ter) pele de galinha, ser a ovelha negra (num grupo), fazer render o peixe, não ser nem carne nem peixe, arrostar postas de pescada, passo de lesma, morrer de morte macaca, etc.

ou em simples palavras como:

abelhudo (alguém é um...), bezerrudo, engatatão (alguém é um...), (ser um) camaleão, (ser uma) lesma e lesmice, etc.

Trata-se portanto da selecção de um traço específico que a comunidade linguística fez de entre os traços / predicados presentes numa dada expressão - por força ou não do seu referente -, que depois se congela ou lexicaliza. Estas lexicalizações são inicialmente transparentes, mas depois lexicalizam-se, tornam-se opacas. O falante ao dizer que

O Pedro é abelhudo

a primeira (e única) interpretação nada tem a ver com “abelha”, como se disser que *ele é telhudo* nada me garante que me lembre de *telha*. Mas foi um dado traço que

se especializou na categorização desse novo “referente” e assim ficou congelado na língua.

Não quero avançar para o tema central da minha comunicação sem fazer referência ao modo normal como funcionam as expressões idiomáticas ou fraseologias no discurso quotidiano. Isto é, na nossa categorização normal e respectiva lexicalização e discursivização ou textualização, as fraseologias intervêm como travejamento da nossa argumentação e o animal, neste caso, serve como pano de fundo no nosso raciocínio:

«Raras são as tiradas de comício que obtenham tanto êxito quanto as antimilitares. Dinheiro para a saúde? Tira-se à defesa. Habitação? Segurança social? Creches? Reduz-se o orçamento militar. Apoios à juventude? Acaba-se com o serviço militar obrigatório. Subsídio de desemprego? Aumento das pensões mínimas? Basta não comprar submarinos nem helicópteros. Combate aos privilégios de certas camadas de portugueses? Comece-se pelos generais. ... Se o êxito fosse apenas retórico e momentâneo, daí não viria mal ao mundo. A verdade é que, *grão a grão*, voto a voto, a vitória do antimilitarismo tem sido total.» (António Barreto — «Civis e militares», Público, 6.10.2002) (it. meu)

Ligam-se dois domínios bem distantes, *grão a grão* e *voto a voto*, isto é, há a interacção entre duas categorias longínquas, para criar uma nova categoria, uma categoria desviante, que o ouvinte tem de inferir. Denomina-se um provérbio, reactiva-se todo o seu conteúdo em ordem a se ter um suporte argumentativo. Cria-se uma nova categoria: no “grão a grão” do discurso político - o “voto a voto” - para esvaziar de peso social uma dada instituição. E para me situar já no domínio da metáfora animal, eis a força argumentativa dos fraseologismos no seguinte texto a propósito do debate laboral proposto por Bagão Félix:

«Na sua generalidade, o grande tópico [do texto de João César das Neves: “Os enganados do debate laboral”] é: tudo o que aumenta a produtividade é bom, porque só isso permite a felicidade dos trabalhadores. Ou, numa *metáfora económica cheia de colesterol*, “*sem ovos económicos não se fazem omeletes legais*”... João César da Neves, ao mostrar que a produtividade está acima do direito dos trabalhadores, poderia fazer gloriosamente parte do comité central do Partido Comunista Chinês, que defende que não há melhor quadro para o desenvolvimento capitalista do que a concepção comunista dos direitos dos trabalhadores (os trabalhadores não têm que lutar pelos seus direitos porque quem está no poder são os seus representantes, e portanto estariam a lutar contra si mesmos e os seus interesses,,). *Gato chinês com o rabo de fora*, ou há

sempre um estalinista em cada esquina que espera por nós.» (EPC, O amigo chinês, Público 2002-12-04) (o it. é meu)

Concluo esta pequena introdução, dizendo que o «no tempo em que os animais falavam» continua a ser o nosso tempo, o nosso tique e faz parte essencial dos nossos estereótipos deixar que os animais falem por nós. Ainda, agora, num tema candente deste tempo — o problema do Iraque — , ao lado de uma fotografia de Saddam todo sorrisos e os inspectores entalados dentro de um carro com a respectiva legenda «Saddam e os inspectores: quem vai ser o último a rir»³, resume o texto em que descreve os trabalhos dos inspectores perante o imenso espaço de manobra de ocultação das armas no Iraque, do seguinte modo: «Os peritos que têm a missão de detectar o armamento proibido estão bem equipados, mas no terreno *pode jogar-se ao gato e ao rato*» (Os trunfos das inspecções, Público, 2002-12-08) [it. meu].

Mas vamos ao gato e à tradução. É evidente que «*um gato é sempre um gato*» em qualquer parte do mundo, mas os estereótipos que as comunidades linguísticas retiram desse referente são diversos. Os valores emblemáticos podem variar. Os traços típicos culturais, como projecção antropomórfica e incorporação de crenças, serviram de base aos empregos metafóricos lexicalizados dos lexemas e expressões. Uma leitura sincrónica da língua tentará decompor, desmotivar e remotivar essas expressões, bebendo na fonte figurada ou não. O antropomorfismo insinua-se, instaura-se na língua, através das chamadas expressões idiomáticas, dos derivados e compostos, como, por exemplo,

(fazer de alguém) *gato-sapato*

Como já dei a entender, tomei como ponto de partida GATO e pretendo fazer uma confrontação (contraste) dos nossos estereótipos com os de outras línguas, o que equivale a dizer que a tradução é (ou pode ser) a mediadora dos estereótipos.

Vou analisar a definição lexicográfica de *gato* num dicionário recente, verificar os traços típicos (classemáticos ou nome de classes, os traços específicos, prototípicos ou não) e verificar como as fraseologias (em sentido amplo) lexicalizam alguns desses traços, confrontando então as lexicalizações do português com as de outras línguas.

³ Pedindo ao leitor que complete a fraseologia: o último a rir é quem ri melhor

1. **Gato** como ponto de partida para categorizações / conceptualizações na língua portuguesa

O DICIONÁRIO DA ACADEMIA desdobra **gato** em gato1 e gato2, centrando na entrada 1 (gato1) e dá em primeiro lugar o traço de classe «mamífero carnívoro, da família dos felídeos, de garras retrácteis, representado em quase todo o mundo por numerosas espécies e raças domesticadas, mas existentes também em estado selvagem», e apresenta depois alguns dos traços específicos, a que se seguem algumas das fraseologias; depois, na entrada 2 (gato2), enumera alguns dos traços mais ou menos específicos e acrescentando mais algumas das fraseologias. Acrescente-se apenas que não dá nas definições nenhuma indicação dos traços que as fraseologias lexicalizam, aparecendo estas, portanto, desligadas de qualquer definição de que se infira a categorização, conceptualização e lexicalização feitas nessas fraseologias. Além disso, as palavras compostas em que intervém “gato” aparecem sem qualquer conexão com a palavra base.

Mas observemos um texto do género de:

«Pois desta vez havia uma inovação no “parking” da universidade: um gato. Um gato bem tratado, a quem tinham posto uma confortável almofada para ele se deitar, e vários pratos e latinhas com água e alimento para uma família inteira. Ali estava tranquilo - e aquela serenidade, aquele sono sem nuvens, aquele espreguiçar-se voluptuoso, aquele enroscar-se várias vezes sobre si próprio até encontrar o lugar perfeito pareceu-me uma lição nestes tempos conturbados que vive a universidade. É óbvio que este gato não pensa nos efeitos do acordo de Bolonha, nem teme que só lhe paguem metade do ordenado no final do mês. É óbvio que este gato nem paga propinas nem receia que as propinas sejam aplicadas em despesas correntes.» (Os gatos e as universidades, Público, 2002-12-06)

texto que corresponde a muitos tópicos que todos os falantes atribuem a “gato” e que até poderia servir de ponto de partida para um levantamento dos traços / propriedades que este referente, enciclopedicamente, para nós, envolve. Vamos proceder à análise de **gato** com o pormenor possível. O traço genérico «mamífero carnívoro da família dos felídeos» onde se inserem as categorizações genéricas e respectivas lexicalizações, em que já surgem algumas discrepâncias entre línguas próximas:

com base classemática [felino]:

gato-bravo, gato-montês, gato bichaneiro (ptg.)

chat sauvage (fr.)

gato cervical, gato montés (esp.)

Nos traços descritivos, mais ou menos típicos, em que o modelo icónico (ou fenomenológico) acentua o tamanho, a cor, as formas, os hábitos e as atitudes:

bigode:

- peixe-gato (ptg.),
- poisson-chat (fr.)

língua grande:

- língua de gato [biscoito],
- langue de chat (fr.)
- lengua de gato (esp.)

olhos brilhantes:

- olhos de gato (ptg.),
- oeil de chat (fr.),
- ojos de gato(esp.)

determinado movimento:

- gatinhar,
- andar de gatas
- marcher à quatre pattes (fr.)
- auf allen vieren gehen (al.)
- andar de gatas [estar sem força...]

voracidade:

- (pôr) manteiga em focinho de gato
- tirer sa poudre aux moineaux/ jeter des perles aux pourceaux (fr.)
- atirar-se como gato a bofes
- se jeter dessus comme un loup sur sa proie (fr.)
- sich wie ein Löwe etw. stürzen (al.)

medo à água:

- gato escaldado de água fria tem medo
- chat échaudé craint l'eau froide (fr.)
- gato escaldado del agua fría huye (esp.)
- gato scottato dall'acqua calda ha paura della freda (it.)
- gebranntes Kind fürchtet das Feuer (al.)⁴
- le chat aime le poisson mais n'aime pas se mouiller (fr.)
- cattus amat piscem, sed non vult tangere flumen (lt.)
- la gatta vorrebbe mangiare pesci, ma non pescare (it.)
- não se apanham trutas a bragas enxutas (ptg.)
- no se pescan/cogen truchas a bragas enjutas (esp.)

⁴ Ovídio explica este provérbio in: *Epistulae ex Ponto*, 2, 71, 5ss.

- the cat would eat the fish and would not wet her feet (ingl.)

rapidez:

- passar por algo como gato por brasas
 - courir comme un chat sur la braise (fr.)
- correr como gato por ascuas (esp.)

ameaça:

- azedo como rabo de gato
 - amer comme chicotin / fiel (fr.)
- estar com um olho no gato outro no prato
 - un oeil à la poêle et l'autre au chat (fr.)
- gatuno,
- gatunagem
- deitar o gatázio (a alguém)
 - mettre le grapin sur quelque chose (fr.)

dissimulação:

- aqui há gato / aqui é que está o gato
 - hay gato encerrado (esp.)
 - Il y a un loup [fr.: 'erro', 'esquecimento']
 - Il y a anguille sur roche
 - da liegt der Haken / das ist der Pferdefuss (al.)
- gato escondido com o rabo de fora
 - gatta ci cova [anda moiro na costa] (it.)
 - être cousu de fil blanc (fr.)
- (não é por aí que) o gato vai às filhós
 - Il n' y a pas de lézard (fr.)
 - da liegt der Haken nicht / das Übel liegt woanders (al.)
- com a mão do gato
 - à la sauvette (fr.)
- tirar a castanha / a sardinha com a mão do gato
- gatar [enganar-se]

cor:

- de noite todos os gatos são pardos
 - la nuit tous les chat sont gris (fr.)
 - la noche todos los gatos son pardos (esp.)

pouco importante:

- carapau de gato
 - c'est de la bouille pour les chats
 - c'est du pipi de chat, crotte de bique (fr.)
 - sich übers Ohr hauen lassen (al.)

- vender / comprar, comer/ impingir gato por lebre
 - vendre la chat en poche / faire prendre les vessies pour des lanternes (fr.)
- dar / vender gato por liebre (esp.)
- não poder com um gato pelo rabo
 - être à ramasser à la petite cuillère (fr.)
 - hundemüde sein / erschossen sein (al.)
- sabido de cães e gatos:
 - esto lo sabe hasta el gato (esp.)
 - être sur toutes les bouches (fr.)
- em caminho francês vende-se o gato pela rês
 - on ne s'en va pas de foires comme du marché (fr.)
- quem não tem cão caça com gato
 - faute de boeuf, on laboure avec son âne (fr.)

presunção [miar]:

- avoir un chat dans la voix
- até a pulga tem catarro
 - hasta los gatos quieren zapatos (esp.)

resistência:

- ter fôlego de gato
- avoir l'âme chevillée au corps (fr.)
- ter sete fôlegos / vidas / foles como o gato

sedução:

- bem sabe o gato cujas barbas lambe
- bem sabe a burra diante de quem zurra
 - the cat knows whose lips she licks (ingl.)
 - It: ad cuius veniat scit cattus lingere barbum (It.)
- engatatão e engatidão das dúzias
 - dénicheur de fauvelles, don Juan de sous-préfecture (fr.)
 - engatar
 - faire de l'oeil, jouer de la prunelle (fr.)
- engatusar (esp.)

anti-social:

- ser como cão e o gato
 - être comme chien et chat (fr.)
 - wie Hund und Katze sein (al.)

garras [escrever como um gato]:

- gatafunhar, gatafunho (ptg.),
 - griffonner, griffonnage, gribouillage (fr.)
- engatar, gato [instrumento metálico]:

- racolage, raccrochage (fr.)
- chumbar, reprovar

amigo de brincar divertindo-se /mofando:

- fazer de alguém gato-sapato
- tenir quelqu'un dans sa manche (fr.)
- jdm aud dem Kopf herumtanzen / jdn zur Schnecke machen (al.)

profissão:

- gato-pingado,
- croque-mort (fr.)
- gata borralheira
- cendrillon (fr.)

toilette:

- lavar-se como o gato
- lavarse como el gato
- faire unte toilette de chat (fr.)

agressividade:

- lançar o gato às pernas de alguém
- jeter le chat aux jambes de quelqu'un (fr.)
- echarle a uno el gato a las barbas (esp.)

prudência:

- dar ao gato o que o rato há-de levar
- il vaut mieux nourrir le chat que le rat (fr.)
- a bom gato, bom rato
- à bon chat bon rat (fr.)
- a vilão, vilão e meio
- a Rolland for an Oliver (a Roldão um Olivérios) (ingl.)
- a melhor defesa é o ataque

distracção:

- gato no telhado, rato no sobrado
- quand le rat est hors la maison souris et rats ont leur saison (fr.)

caçar ratos:

- filho de gato mata rato
- chat et chatton chassent le raton (fr.)

Há outros mecanismos icónicos nas diversas línguas, ausentes em português, como, por exemplo,

- tanto va la gatta al lardo hinché ci lascia lo zampino (it.)
- tantas vezes vai o cântaro à fonte que deixa lá a asa

- la gatta frettolosa pone gattini ciechi (it.)
- depressa e bem há pouco quem
- il n'y a pas de quoi fouetter un chat (fr.)
- avoir d'autres chats à fouetter (fr.)

e há expressões com base em *gato* em português que não existem noutras línguas:

lugar: gateira, gatilho (?)

2. A tradução como mediadora dos estereótipos

Já dissemos que os gatos são sempre gatos em qualquer parte do mundo, mas os traços específicos, neste referente, valorizados categorial, conceptual, lexical e discursivamente, são diferentes, de acordo com as culturas e crenças, temores e esperanças. Defende-se actualmente que o estereótipo de uma palavra ou expressão compreende todos os traços que uma comunidade lhe atribui em qualquer circunstância. Mas, no ensino / aprendizagem de uma língua, há que começar por fazer o levantamento dos traços típicos (ou prototípicos), os mais acessíveis, os que definem um dado item, tendo em atenção o saber enciclopédico dos falantes. Ora, em que medida é que as expressões congeladas não lexicalizam esses traços típicos?

Vamos analisar os traços comuns e os diferentes: comuns no conteúdo e expressão, comuns apenas no conteúdo e diferentes na expressão e conteúdo. Depois veremos dois exemplos: o da *gata borralheira* e *comer gato por lebre*.

2. 1. Semelhanças e diferenças

Tomando como ponto de partida apenas os domínios abrangidos pelo mecanismo de categorização e conceptualização GATO, vemos que há equivalências de conteúdo e expressão, apenas equivalências de conteúdo e ausência total de equivalência, quer no conteúdo, quer na expressão. No traço classemático ou caracterização genérica, em que a espécie “felídeo” serve de suporte, há mais ou menos equivalência: *gato bravo* (ptg.) e *gato montés* (esp.) e *chat sauvage* (fr.). Nos semas descritivos há efectivamente equivalências e não-equivalências.

Há esquemas totalmente equivalentes, em que por vezes o ponto de partida já estava presente no latim: o que se verifica no referente a certos hábitos, como, por exemplo, os traços salientes expressos por:

o “medo da água” (a que se contrapõe, na dieta alimentar, a preferência pelo peixe)

a “rapidez”, a que se liga outro traço a “ameaça”
a “dissimulação” (como processo geral, mas em que há também divergências)
a utilização da “cor” como caracterização (de noite todos os gatos são pardos)
o “pouco valor” que lhe é atribuído (em que há convergências e divergências)
a “sedução” (com divergências e convergências)
o “ódio” entre cães e gatos
a “agressividade” e a “prudência”.

As divergências são também importantes, em que se procura por vezes apenas a palavra mais à mão ou mais adequada para preencher um determinado espaço na sequência fraseológica⁵. O que se pode concluir é que a categoria “gato” serve como modelo de categorização de outros animais (*peixe-gato*), de outros objectos (*língua de gato*), e sobretudo de valores sociais os mais variados, sejam eles a “toilete”, a importância da hereditariedade e educação (*filho de gato mata ratos*), o valor do esforço, a sedução e presunção e o pouco valor atribuído a “gato”.

2. 2. O caso de «a gata borralheira» ou a selecção do traço saliente nas línguas

Tratando-se de um conto existente nas mais variadas línguas, o tema da “gata borralheira”, como modelo de criação e configuração de uma dada categoria mental parece constituir um modelo de comparação óptimo para confrontar as categorias presentes em várias línguas. Uma boa definição para *gata borralheira* em português é a que é dada num dicionário de Fraseologia⁶ (português-alemão)

«eine Frau / ein Mädchen, die / das nicht gern ausgeht; ein Hausmütterchen»
(= mulher ou moça que não gosta de sair de casa, uma dona de casa à antiga).

Se procurarmos verificar a tradução da expressão *Cinderela* em várias línguas, verificamos como são diferentes os traços salientes e salientados. Como sabemos, o tema da *Gata Borralheira* vem de muito longe, conhecendo-se mais de 300 variantes do velho conto de fadas. De uma forma ou de outra, elas seguem as linhas de dois arquétipos. O primeiro corresponde ao conto de Charles Perrault — *Cendrillon* 1657 — e resume-se a uma versão feminista com muitos elementos românticos: uma madrasta cruel, uma fada madrinha, uma carruagem mágica, um sapatinho de cristal, etc. O segundo arquétipo dá-nos uma versão machista do conto:

⁵ Veja-se o caso paradigmático de: (qualquer coisa é) *velha e velha*.

⁶ Hans / Luiza Schemann - Dicionário Idiomático Português-Alemão, Braga: Livr. Cruz, s/d

trata-se de um pai com filhas preferidas e problemas emocionais (Rei Lear, por exemplo), ou de um padrasto autoritário com preferências e repúdios. Esta versão (já contemplada na acção secundária da tragédia shakespeariana), despida embora dos elementos fantásticos do conto de Perrault, servirá de base, por exemplo, ao conhecido libreto de Rossini (*Cenerentola*).

Ora bem, em alemão, em cuja língua se encontra outro dos arquétipos do conto construída a partir dos contos dos irmãos Grimm, a designação é *Aschenputtel* ou ‘menina das cinzas’, justificando-se a designação, pelo facto de a menina viver no meio das cinzas, símbolo do rebaixamento, da humildade, e cuja função era cuidar das cinzas da lareira, sendo desprezada pelas irmãs. Por outro lado, a *Aschenputtel* deixa ver na lareira o símbolo do centro da casa, lugar onde a mãe viveu, a lareira sagrada próprio para as virgens vestais.

Em inglês, temos duas palavras para “cinza”: *ashes*, a cinza limpa, por ter sido o resultado de uma combustão completa e *cinder*, a cinza suja, por ser o resultado de uma combustão incompleta⁷: pois é precisamente, a ‘cinza suja’ que serve de título e motivo ao conto: *Cinderella*. Em francês, a palavra usada é igualmente apenas *cendrillon*⁸. Em italiano, é *cenerentola*: o tema da ópera de Rossini é «*La cenerentola, ossia La bontà in trionfo*»⁹. Isto é, todas as línguas tomam como traço saliente a ‘cinza’. A língua portuguesa parece ter sido uma das poucas - senão a única - que inclui “gata” na designação. Porquê? O facto de aparecer “borralheira”, creio bem que se trata de interpretar a “cinder” (ingl.) por “borralho”, afinal, a cinza suja, por ainda não se ter concluído a combustão. Por outro lado, a presença de “gata” leva-nos para um estereótipo muito “sui generis”: a presença de gatos nas nossas lareiras.

2. 3. Modo de funcionamento das fraseologias no discurso

As fraseologias congeladas funcionam no discurso jogando com a interacção entre dois sentidos: o convencional e o não convencional. No sentido convencional, temos ainda de distinguir o sentido convencional composicional: o que resulta do significado de cada um dos elementos que compõem a expressão, e o convencional

⁷ Nós traduzimos as duas palavras por *cinza*.

⁸ cfr. Bruno Bettelheim – *Psicanálise dos contos de fadas*, 9ª ed., trad. de Carlos Humberto da Silva, Lisboa: Bertrand, 2002 [ed. Original: *The uses of enchantment*, 1975].

⁹ A ópera bufa a que Rossini chama “dramma giocoso”, com libreto de Jacopo Ferretti, foi estreada em Janeiro de 1817. Cfr. Programa de *La Cenerentola* (de Gioachino Rossini), elaborado por Joaquim Vacondeus, Teatro Nacional de São Carlos, Abril de 1993.

figurado (a chamada implicatura convencional), já não uma interpretação composicional mas sim uma leitura opaca, intransparente. Por exemplo, *vender gato por lebre* pode significar o que as palavras querem dizer: ‘vender gato por lebre’ ou ‘vender algo como se fosse coisa de muito valor e tratando-se apenas de coisa insignificante’. Ora é essa interacção entre os dois valores, a aproximação entre os dois domínios — o domínio fonte e o domínio meta —, domínios distantes e heterogéneos, que cria uma nova categorização: a de ‘ludibriar’, ‘enganar’. Isto é, os valores “enganar”, “ludibriar” categorizados como actos concretos de compra e venda, ou comer, passa ontologicamente a poder ser manipulado como tal. Mas vejamos um texto concreto:

«Dizem: naquele tempo não devia ser Bledine, devia ser Cerelac. Mas que uma papa, tão íntima para mim, que dava pelo nome de Bledine fosse Cerelac não aceito, Eu não sou uma trapalhona, não sou uma badalhoça. *Não confundo alhos com bugalhos, não vendo gato por lebre.....* Saber distinguir entre tática e estratégia fazia os encantos marxistas-leninistas dos rapazinhos em flor do meu tempo. Eu dedicava-me a observar que os tios reaccionários dos rapazinhos revolucionários podiam dizer “marchismo”, fenómeno que nunca ocorria com os sobrinhos revolucionários. Estes pronunciavam invariavelmente “markssismo”. Distinguir *alhos de bugalhos, gatos de lebres* e um ch de um Kss fazia as minhas delicias portuguesas e proustianas» (Adília Lopes, Souvenirs pieux, Publico (Revista), 2002-10-20) (it. meu)

No discurso, surge em primeiro lugar a fraseologia *vender gato por lebre* - sempre reforçada por uma outra fraseologia ainda mais clara (*confundir alhos com bugalhos*) - e depois há uma desconstrução da fraseologia: surge apenas uma alusão, alusão ao valor abstracto e genérico linearizado sequencialmente na expressão: *distinguir gatos de lebres*. É aqui que intervém a inferência: o leitor é chamado, por meio do saber partilhado, presente na mente do locutor e supostamente presente na mente do leitor, a inferir uma interpretação figurada da referida expressão. Esta desconstrução e reconstrução leva-nos para o caminho da implicatura conversacional. Surge neste ponto a importância da metáfora.

Os exemplos poder-se-iam multiplicar e a desconstrução e reconstrução são também claras, como em:

«A IGAT, *leia-se aqui há gato*, tem por incumbência fiscalizar os actos administrativos dos nossos municípios, 4000 freguesias, 18 governos civis e vários serviços oficiais. O mandato não é só imenso. Num país que começa a perceber ao que chega a corrupção e os entendimentos entre autarcas,

políticos e empresários, o papel da Inspeção-Geral da Administração do Território é nevrálgico. A sua missão é ciclópica, delicadíssima e incomoda muitos “*gatos-pardos*”. Todavia, para o cidadão comum, ela é das raras instituições que sobram para fazer vingar a lei a tempo a infracção de muitos direitos. O pior é que, pelas suas competências específicas, a actuação desta inspecção vai directa ao vulcão de todas as nossas maleitas de ordenamento. Não admira que a indispensável IGAT seja mantida em crónico estado de sufoco e inoperância técnica. A desproporção entre a missão de que legalmente está incumbida e os meios ínfimos que sucessivos governos lhe põem ao alcance só pode ser interpretada como uma ordem sub-reptícia para estar quieta e calada.» (Ambiente, Expresso 2002-11-30) (it. meu)

3. A metáfora e a tradução das metáforas

A metáfora é um sentido indirecto, um efeito de sentido¹⁰, e necessita de uma interpretação, de um desdobramento. O pensamento¹¹ já é representação no sentido etimológico— RE + PRAESSENTATIO (ou Vorstellung) — mas quando se dá a metáfora há a aproximação de duas coisas incomparáveis, heterogéneas e ao compararem-se duas coisas não comparáveis mas que se tomam como comparáveis, cria-se uma nova categoria:

«il n’y a métaphorisation que s’il y a rapprochement entre réalités *heterogènes*. La percée à l’oeuvre dans l’énoncé métaphorique est une percée de la *ressemblance*, mais d’une ressemblance qui unit non des entités reconnues homogènes, appartenant à un même genre ontologique, mais bien des entités à deux genres hétérogènes: Achille et un lion, une femme et un rossignol, une cité et un navire, Dieu et un berger...» (Charbonnel 1999: 33)

Num acto de fala, a metáfora vale como argumento condensado. A metáfora não é adquirida pelas regras do código mas pelas regras da inferência, não representa um dado pré-construído, mas algo calculado, construído (cfr. Sperber / Wilson 1986).

Parece efectivamente que a metáfora se distingue dos enunciados ordinários ou literais. Trata-se de um contributo cognitivo novo, inovador, inventivo. As metáforas, sobretudo as não convencionais, vêm perturbar os nossos conhecimentos

¹⁰ Cfr. Kleiber 1999: 7

¹¹ «La métaphore n’est pas un phénomène de langue mais de discours, et donc de *pensée*» (Charbonnel 1999: 33)

de longo prazo: é este o papel da analogia¹², o de trazer incongruências conceptuais¹³. Isto é, o desvio é constitutivo da metáfora, em que há negociação das distâncias entre diferentes enciclopédias disponíveis neste contexto¹⁴. Temos de distinguir, num enunciado, entre o grau entendido (“degré perçu”) e o grau intencional (“degré conçu”). No grau entendido há um conjunto fluido de interpretações intencionalizadas¹⁵. O princípio de cooperação obriga o receptor a procurar o grau intencional. Escolher na enciclopédia entendida (ouvida) a enciclopédia intencionalizada: a confusão entre “gato” e “lebre”, como se fosse entre “mentira” e “verdade”, entre coisa de pouca importância e coisa importante. Ou seja, a inutilidade dum utilidade (= as forças armadas) e a utilidade de outras utilidades. A metáfora representa uma incongruência lógica, uma ruptura entre mensagem e código¹⁶: trata-se da violação de uma norma (no sentido coseriano, como filtro feito no sistema por parte da comunidade) ou no sentido do próprio sistema. É a enciclopédia que se modifica: muda-se o saber mesmo, a sua classificação e categorização. A metáfora atribui novas propriedades a uma entidade catalogando-a numa outra espécie. Estabelece novas conexões nas nossas estruturas enciclopédicas. A metáfora é a principal figura no papel de reorganizador da nossa experiência fundando nova estrutura do real. Vai ao magma original e, refazendo-o, cria um novo “Cosmos”¹⁷. Na metáfora, o travejamento sintáctico liga conceitos incompatíveis. Uma das teorias de ponta — a teoria cognitiva —, ao atribuir à metáfora o estatuto de estruturação conceptual de pleno direito, como força conceptualizadora e organizadora da nossa experiência, tem o mérito de libertar a metáfora do domínio da simbolização¹⁸. A metáfora cria analogias e não dá expressão a uma analogia preexistente¹⁹ e é um dos catalizadores da nossa representação e lexicalização²⁰

¹² «Analogies exist to unmask, capture or invent new connections absent form or upstaged by one’s category structures.» (Turner 1988: 3).

¹³ «For us to recognize a statement as analogy, we must recognize that it is in some way putting pressure on our category structure» (Turner 1988: 3).

¹⁴ Afinal, toda a retórica é um espaço de negociação entre enciclopédias diferentes («la rhétorique comme espace de négociation des distances. ... négociation des distances entre les différentes encyclopédies disponibles») (Klinkenberg 1999: 148).

¹⁵ «L’effet rhétorique provient en effet de l’interaction dialectique entre le degré perçu et l’ensemble flou dit degré conçu» (Klinkenberg 1999: 148).

¹⁶ Cfr. Klinkenberg 1999: 152

¹⁷ Klinkenberg 1999: 157

¹⁸ Cfr. Lakoff/ Johnson 1981

¹⁹ As metáforas não reproduzem analogias reais como se supunha na tradição metafórica: mas criam analogias como se fossem obra de um demiurgo (cfr. Weinrich 1963 e Black 1962)

²⁰ A ela recorremos constantemente: «Por onde andava a independência da investigação criminal? Quem silenciou gente e meteu processos na gaveta? Já vínhamos um pouco desmoralizados de trás, com as Modernas ou com a corrupção nas forças policiais. Faltava agora “Bibi” - na metáfora de nome infantil, a crua verdade do mundo dos adultos» (Luís Fernandes, Público, 2002-12-04)

Conclusão

Nas unidades fraseológicas, como aliás na língua, o caminho normal no mecanismo semântico da configuração é o de se partir do concreto para o abstracto. Por outro lado, quando se diz que as expressões idiomáticas são intraduzíveis, pois representam a cultura nacional, não tem muito de verdade: há zonas comuns, pontos de partida comuns, modelos icónicos comuns, em que o princípio geral é partir-se do mais próximo, básico e experiencial para o mais longínquo, complexo e artificial. As diferenças estão também presentes, mostrando os percursos próprios de cada língua. A metáfora tem um papel fundamental na instauração das fraseologias.

Bibliografia:

- BETTELHEM, Bruno – *Psicanálise dos contos de fadas*, 9ª ed., trad. de Carlos Humberto da Silva, Lisboa: Bertrand, 2002 [ed. Original: *The uses of enchantment*, 1975].
- BLACK, Max (1962) — «Metaphor», ID. - *Models and Metaphors*, Ithaca, N. Y.: Cornell Univ. Press
- CHARBONNEL, Nanine (1999) — «Métaphore et philosophie moderne», in: Charbonnel / Kleiber 199: 32-61
- CHARBONNEL, Nanine e KLEIBER, Georges (orgs) (1999) — *La métaphore entre philosophie et rhétorique*, Paris: puf
- CORTES DE LACERDA, Roberto e Helena da Rosa / SANTOS ABREU, Estela dos (2000) — *Dicionário de Provérbios. Francês, Português, Inglês*, Lisboa: Contexto Editora
- DESPORTE, Ariane e MARTIN-BERTHET, Françoise (1995) — «Stéréotypes comparés: noms d'animaux en français et en espagnol», *Cahiers de Lexicologie* 66, pp. 115-135
- DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA, Academia das Ciências de Lisboa: Verbo
- KLEIBER, Georges (1999) — «Une métaphore qui ronronne n'est pas toujours un chat heureux», in: Charbonnel / Kleiber 1999: 83-134
- KLEIBER, Georges (1999) — «De la sémantique de la métaphore à la pragmatique de la métaphore», in: Charbonnel / Kleiber 1999: 3-13
- KLINKENBERG, Jean-Marie (1999) — «Métaphore et cognition», in: Charbonnel / Kleiber 1999: 135- 170
- PEDROSA, Inês (2002) — *Fazes-me falta*, 7ª ed., Lisboa: Public. Dom Quixote
- Programa de La Cenerentola* (de Gioachino Rossini), elaborado por Joaquim Vacondeus, Teatro Nacional de São Carlos, Abril de 1993
- REY, Alain e CHANTREAU, Sophie (1979) — *Dictionnaire des expressions et locutions figurées*, Le Robert
- SCHEMANN; Hans / Luiza — *Dicionário Idiomático Português-Alemão*, Braga: Livr. Cruz, s/d
- SPERBER, Dan / WILSON, Deirdre (1995) — *Relevância: comunicação e cognição*, Trad. de H. Santos Alves, Lisboa: Gulbenkian Turner 1988

MÁRIO VILELA

- VILELA; Mário (2002) — *Metáforas do nosso tempo*, Coimbra: Almedina (sbd. «A tradução como mediadora dos estereótipos» (pp. 349-369) e «A tradução da multiculturalidade» (pp. 371-382)
- WEINRICH, Harald (1963) — «Semantik der kühnen Metapher», *Deutsche Vierteljahrsschrift für Literaturwiss. Und Geschichte*, 37
- WIERZBICKA, Anna (1992) — *Semantics. Culture and Cognition: Universal Human Concepts in Culture-specific Configuration*, Oxford: Oxford Univ. Press.

Mário Vilela